

(Original em 3 atos de Érico Grauer)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

Percília - Está com frio, Vovôsinho?

Rosalvo - (velho) Não, minha querida. É que a manta estava escorregando pelos joelhos e eu puxei mais para cima. (TOM) Paraste de ler o jornal?Percília - O senhor começou a cochilar, eu fiquei com receio de despertá-lo. (TOM) Sabe o que eu estava lendo agora? Vai haver um formidável leilão no Solar dos San Diego.Rosalvo - (choque mal sentido) Onde?Percília - No Solar dos San Diego. Diz aqui que a dois quilômetros da cidade de Olaria. (TOM) O estalago, Vovô, é uma maravilha! Binóculos, pentes, miniaturas, leques, estatuetas... tanta coisa... (rápida, tom) Que é isso, Vovô?! Está se sentindo mal?

Rosalvo - Não, não... não é nada. Já está passando...

Percília - Vou mandar vir o doutor Cantalício para lhe...

Rosalvo - (gorta) Não, não, minha querida, não é preciso. Já passou, tá não vê?

Percília - Puxe, vovô, que susto o senhor me deu! O que foi que sentiu? Diga.

Rosalvo - Uma ligeira vertigem. Coisa sem maior importância.

Percília - Mas eu ficaria mais tranquila se o senhor concordasse em chamar o doutor, para saber-se a causa da vertigem.

Rosalvo - Isso não é preciso, minha querida. Eu posso te dizer que a causa foi puramente emocional.

Percília - Óra essa, por que?!

Rosalvo - Foi a notícia do leilão no Solar dos San Diego que me trouxe, com as recordações dos tempos idos, esse pequeno distúrbio que te causou um susto tão grande.

Percília - Mas por que, vovôsinho? O senhor conheceu o Solar dos San Diego?

Rosalvo - Estive lá duas vezes, mas ainda guardo consigo a mais cruel e dolorosa de todas as recordações.

Percília - Ih, vovô, o senhor me deixou tão surrada! Não quer me contar o que aconteceu?

Rosalvo - Hoje não, mas um dia eu te contarei. (pausa e tom) Escuta, minha filha, tu disseste que há um estalago no jornal? Falaste em leques; não foi?

Percília - Sim. Há referências a vários deles; qual vez?

CONTRA REGRA - RUIDO DE JORNAL.Percília - Deixe-me ver onde é que está... (pausa) Ah, está aqui. O que é um leque de plumas vermelhas com varetas de tartaruga encrustadas de rubis, esmeraldas e diamantes; um leque de gaze cor de rosa, pintado à mão e bordado de vitrolas lantejoulas douradas; um leque de setim azul-claro com um soneto do poeta Rosalvo de Campos, escrito pelo punho do poeta à esposa do seu desaparecimento. Um leque...Rosalvo - (gorta) É esse, é esse. Esse leque tá à venda no Solar dos San Diego, adquire-o para mim.

Percília - Por que, vovô?! Para que quer o senhor esse leque?!

Rosalvo - Pretendo que fique sabendo de tudo no dia em que eu te trouxer...

Percília - Está bem, Vôvô. Quinta feira, então, eu terei que ir à cidade de Olaria, para rematar esse leque que o senhor deseja.

Rosalvo - E compra-o à todo custo. Seja por que preço fôr.

OPERADOR - TRANSICÃO MUSICAL - FUNDE COM RUÍDO DE TREM EM MOVIMENTO - CAI B/G.

Percília - Por que será que vôvô quer esse leque a todo custo? Por que será?!

OPERADOR - SOBE TREM POR MOMENTOS E FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

Leiloeiro- (projetando) Chamo a especial atenção dos interessados para o precioso objeto que vai ser vendido, agora, em leilão. Um objeto valioso e raro. Trata-se de um leque de setim azul, com um soneto do inesquecível poeta Rosalvo de Campos, copiado de próprio punho e assinado pelo autor.

ESTÚDIO - MURMÚRIOS GERAIS.

Leiloeiro- (projetando) Quanto dão pelo precioso leque?

Percília - (afastada) Um conto de reis.

Leiloeiro- Um conto de reis, muito bem. Tenho um conto de reis pelo precioso leque. Um conto de reis, um conto de reis... um conto e quinhentos, um conto e quinhentos... um con...

Percília - (corta) (afastada) Dois contos de reis.

Leiloeiro- (projetando) Dois contos de reis... tenho dois contos de reis pelo precioso leque. Dois contos de reis... dois contos de reis... dois contos e quinhentos... Tenho dois contos e quinhentos...

Percília - (afastada) Três contos de reis.

Leiloeiro- Três contos de reis!.... (afastando) Tenho três contos de reis pelo leque de setim azul, autografado pelo poeta Rosalvo de Campos! (Somo) Três contos de reis!... Três contos de reis!...

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL

Percília - Foi uma luta tremenda, vôvôsinho! Era tanta gente interessada neste leque que o senhor nem imagina. Bem, mas felizmente ele aqui está. Pensa é que o soneto foi escrito a lápis e mal se pode ler um ou outro verso.

Rosalvo - (velho) Eu seria capaz de o dizer inteirinho de cór, tão bem me recordo dele ainda.

Percília - O senhor o sabe de cór, vôvôsinho? Não entendo. Por que?

Rosalvo - Porque fui eu que o compus, minha filha e eu, ainda, que o escrevi neste leque.

Percília - O senhor, vôvôsinho?!... Mas então... o senhor é...

Rosalvo - Rosalvo de Campos, minha querida. Era o pseudônimo pelo qual me tornei conhecido quando fazia versos.

Percília - Vôvôsinho!... (Pausa) Mas por que não me disse isso antes?!

Rosalvo - Porque eu mesmo desejava esquecê-lo. (Pausa e tom) Quando desapareci da pequena cidade de Olaria e me mudei para Coqueiros... Rosalvo de Campos morreu. (TOM) Santa-te que vais ouvir agora, cumprindo a promessa que te fiz, a história completa desse leque de setim azul com varetas de madrepérola.

Percília - Ah conte-a, vôvôsinho, conte-a. Estou ansiosa para conhecê-la.

Rosalvo - (Pausa) Houve, há muitos anos passados, uma festa de caridade no Salão da Marquesa de San Diego. Não só os nobres de Olaria como os de

outras cidades próximas foram convidados e se fizeram representar. Havia, naquela época, um pobre rapaz modesto que escrevia versos e os publicava no jornalão da cidade. Seus versos, por ventura ou infelicidade do poeta, começaram a agradar e a sua fama atingiu o reduto dos nobres. E foi assim que a Marquesa, desejando dar um cunho de originalidade à sua festa, resolveu convidar o poeta para ir pessoalmente ao Solar, dizer alguns dos seus versos. Do programa de arte constavam os nomes de vários artistas de fama, especialmente convidados e esta particularidade, muito mais do que a de coadjuvar o interior do Solar, fez com que o poeta se resolvesse a aceitar o honroso convite. O ambiente era de um luxo verdadeiramente deslumbrante. O poeta, humilde e modesto, encolhia-se pelos cantos, olhando, deslumbrado, a riqueza das toilletas, dos tapetes, dos objetos raros e das joias de valor incalculável. Em dado momento, sentou-se ao piano, para dar início à hora de arte, uma moça de uma beleza estonteante e de uma graça arrebatadora. Parece-me ainda ver, até hoje, a fidalguia daquelas brancas mãos sobre o teclado.

OPERADOR - NA DEIXA "VALOR INCALCULAVEL", SUBLINHADA ACIMA, ENTRE EM B/G COM UM NOTURNO DE CHOPIN (BONITO) QUE, MAL A SALA TERMINA, SE OUVE EM PRIMEIRO PLANO, ATÉ O SINAL DA DIREÇÃO, QUANDO VOLTA A B/G.

Rosalvo - (noço) Maravilhas!... Escantadora!... Nunca vi, em toda a minha vida, beleza alguma que se lhe comparasse!... E as mãos!... Que fidalguia!... Tem a brancura das açucenas e a graça das curipomas!... Eu sei que será uma audácia muito grande da minha parte, mas creio que não resistirei à tentação de falar-lhe.

OPERADOR - SOMBRA A MUSICA EM B/G. ENEMDA CORTINA MUSICAL. - FUNDE COM MUSICA DE VIOLINO ACOMPANHADA AO PIANO QUE FICA EM FUNDO PARA A CENA SEGUINTE.

Rosalvo - Permite que lhe dirija a palavra, senhorita?

Helena - (susto) Ah, que susto! Eu estava tão distraída que nem senti a sua aproximação.

Rosalvo - Pedindo conselhos à noite ou suplicando graças às estrelas?

Helena - Nem uma coisa nem outra. Procurei, apenas, ocultar-me, neste balcão para fugir aos cumprimentos protocolares dos que me ouviram tocar.

Rosalvo - Pois eu me aproximei da senhorita, justamente com esta intenção. Nunca, em meu espírito, a música de Chopin calou tão fundo, como quando interpretada pelas suas mãos maravilhosas!

Helena - Muito obrigada, mas... com quem tenho o prazer de estar falando?

Rosalvo - Sou Rosalvo de Campos, o modesto e humilde poeta a quem a Marquesa de San Diego concedeu a honra, inesperada, de convidar para tomar parte na sua festa.

Helena - Ah, sim, titia havia me falado... Creio que tenho muito prazer em conhecê-lo.

Rosalvo - O prazer é todo meu, gentilíssima senhorita. Bem sei que uma criatura de tão humilde condição não deveria, jamais, testemunhar a um fidalgo nem mesmo o entusiasmo e a admiração que esta lhe inspirasse, mas aconteceu que entusiasmo e admiração foram tão fortes que transformaram-se em audácia a minha timidez. Falei-lhe que se lembra

Helena - Óra essa, senhor Rosalvo, perder o quê? Penso que é igual o direito que todos têm de manifestar livremente aquilo que pensam.

Rosalvo - Assim deveria ser, senhorita, mas infelizmente o mundo é imperfeito e os pensamentos plebeus não devem subir além da sua própria esfera. O que aconteceu comigo é que me deixei empolgar pela sua beleza e esqueci as regras da conveniência. E isso ainda se torna mais condenável, em mim, por ser um homem maduro e estar procedendo como um jovem arrebatado.

Helena - Olhe, o mordomo parece que vem à procura de um de nós...

Rosalvo - Talvez seja a minha vez de declinar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FORTE, FUNDE COM MUSICA BOBITA EM B/G. PARA FUNDO DO SONETO.

Rosalvo - (projetando, discreto) Vou dizer, agora, o último soneto que compus e que se intitula... Tuas mãos! (Pausa)

Branças mãos!... Mãos fidalgas que fizeram vibrar meu coração com o teclado!

Branças mãos!... Mãos divinas que trouxeram, a par dos sons, um sonho que é um pecado!

Branças mãos que fizeram - num momento - com seus dedos sedosos, pequeninos, um poeta cair em desalento, pensando na distância dos destinos!...

Mãos fidalgas, de nobre realce!
Deveis ter sido o sonho de Helena
d'Aquela que criou todos os mundos!

Ben valeis o encanto de um poema,
brancas mãos que eu quizesse, a' hora extrema,
sentir fechar meus olhos moribundos!...

OPERADOR - DISCO DE PALMAS LOGO ABAPADAS POR CORTINA MUSICAL FORTE.

Helena - Ha pouco foi o senhor que se veio procurar aqui para me felicitar. Neste momento invertem-se os papeis. Que lindo o seu soneto. Maravilhoso!...

Rosalvo - Sabe que eu o compus enquanto a ouvi e especialmente para a senhorita!

Helena - Francamente, eu... eu nem sei como... como devo agradecer-lhe...

Rosalvo - Mas agradecer o quê? Eu não vejo porque possa merecer agradecimento da sua parte. Eu, sim, devo agradecer a sua magnanimidade de receber com indulgente sorriso a minha petulância.

Helena - Ora essa, por favor!... Bem diga semelhante coisa.

Rosalvo - Sabe que... que tudo quanto eu lhe disse, nos meus versos, é a expressão exata da verdade?

Helena - (Pausa) Eu... eu gostaria de ter uma cópia desse soneto para guardá-lo como lembrança desta noite.

Rosalvo - E eu me sentiria imensamente orgulhoso com isto, mas... acontece que infelizmente eu não tenho aqui nem lápis nem papel para poder reproduzi-lo.

Helena - Eu tenho o lápis do meu cadnet e papel... (Pausa) Ah, tenho uma ideia. Escreva-o sobre o setim do meu leque.

Rosalvo - Escrevê-lo sobre o setim do seu leque? Oh, não. Seria uma verdadeira lástima estragar um leque tão fino e bonito com uns versos tão pobres.

Helena - Mas se sou eu que lhe peço... Faça o favor, escreva. Eu insisto que escreva.

Rosalvo - Bem... se insiste... eu não tenho outro remédio senão obedecê-la. Seu pedido é uma ordem, senhorita.

OPERADOR - PASSAGEM RÁPIDA.

Rosalvo - Pronto, aqui está.

Helena - Como pronto? Não senhor. Falta uma coisa muito importante para mim: a sua assinatura.

Rosalvo - Faz realmente questão da minha assinatura?

Helena - Claro que faço. A prova é que a estou reclamando. Uma vez assinado, o soneto terá, para mim, um duplo valor.

Rosalvo - Obrigado. A senhorita é anavel ao extremo. (Pausa) Tenho que escrever o meu nome com cuidado, para não romper o setim de tão lindo leque. (Nova pausa) Pronto. Agora acho que está. Veja.

Helena - (Pausa) Sim. Agora sim. Agora está completo. Eu...

Marquessa - (afastada) Helena.

Helena - (gusto muito grande) Titia...

Marquessa - (vindo) Apanhando frio aqui fora, menina?

Helena - Titia, eu... eu estava dizendo ao senhor Rosalvo que...

Marquessa - (corta, severa) Dê-me esse leque. (Pausa) Volte para o salão.

Helena - (submissa) Sim, titia. Com licença, senhor Rosalvo.

Rosalvo - Pois não.

CONTRA REGRA - PASSOS EM TIJOLETAS QUE SE AFASTAM.

OPERADOR - FUNDO DE VALSA ANTIGA COM ORQUESTRA.

Rosalvo - (pigarro de constrangimento) Senhora Marquessa... está... está simplesmente deslumbrante a sua festa... eu...

Marquessa - (corta, seca) Senhor Rosalvo, lamento profundamente ser obrigada a manifestar-lhe o meu franco desagrado pela sua atitude.

Rosalvo - Peço-lhe mil desculpas, senhora Marquessa, mas sei muito o que deve dizer-lhe, mas...

Marquessa - (corta) Não adianta o que possa dizer-me e o seu pedido de desculpas em nada atenua a sua falta. Melhor fôr que jamais esquecesse a sua humilde condição de homem do povo e soubesse respeitar os nobres que, indulgentemente, permitiram-lhe entrada em sua casa.

Rosalvo - Perdão, senhora Marquessa, mas não posso compreender porque, trocando algumas palavras com sua anavel e delicada sobrinha, tenha eu desrespeitado mesmo o seu nobre solar.

Marquessa - Cale-se. O senhor é um cusado. Abusei de minha hospitalidade, procurando comprometer o nome de minha sobrinha que é mais que uma criança. Cobia ao senhor, como um homem velho, explicar o que aconteceu. Queira retirar-se imediatamente.

Rosalvo - Senhora Marquessa, permita ao menos que eu...

Marquessa - (corta) Não permite coisa nenhuma. Queira retirar-se, eu já disse. E o faça imediatamente, antes que o mundo pôs na rua pelos aliados.

Rosalvo - Com licença. Boa noite.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM TISQUETAS.

Marquessa - (meio tom) Grandiosíssimo atrevido! Grandiosíssimo insolente! Já está o resultado de sermos indulgentes ~~mas~~ para com a plebe! É tolice... Não se pode andar pelas sargetas sem salpicar de lama as nossas vestes!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE, PARA FINAL DO 1.º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA ABERTURA DO 2.º ATO.

Percília - Que coisa horrível, vovôsinho! Que terrível humilhação o senhor deve ter sofrido!

Rosalvo - (velho) É que revolta, minha querida! Que revolta contra a estupididade das castas e dos preconceitos que tentavam em levantar barreiras entre corações que se compreendiam e se desejavam.

Percília - E a moça, depois disto? Não tornou a falar com o senhor?

Rosalvo - Nem sequer tornei a vê-la, quanto mais falar-lhe. A Marquessa era terrível nas suas deliberações e jurara a si mesma que nós não nos tornaríamos a encontrar. E assim foi.

Percília - E nunca mais teve, ao menos, notícias dela?

Rosalvo - Ao princípio busquei, por todos os meios, sabê-las, mas foram inúteis os meus esforços. Passados tres ou quatro meses daquela noite, tive conhecimento com um empregado da cudeiaria da vila e que era noivo da camareira da Marquessa. Era ele então que, de volta da visita semanal que fazia à sua noiva, se punha ao correr dos acontecimentos desenrolados no Solar. Foi ele que - repetindo as palavras da camareira - me contou o que houve entre a Marquessa e Helena, logo depois de terminada aquela festa em que ela nos surpreendera no balseão.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL RETROSPECTIVA.

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM PORTA.

Helena - (afastada) Entre.

CONTRA REGRA - ABRE PORTA. DOIS OU TRES PASSOS. FECHA PORTA. MAIS PASSOS.

Marquessa - (vindo) Por que não foste aos meus aposentos, como de costume, antes de deitar-te?

Helena - Era tão tarde, titia... Eu estava tão cansada... acreditei que a senhora também estivesse ansiosa para repousar...

Marquessa - Estava ansiosa para falar-te a nós, isto sim.

Helena - Bem sei, titia, que a senhora vai me reprimir pelo que aconteceu.

Marquessa - Mas é claro que tenho que te reprimir. Ou quem sabe achas bonito o que fizeste?

Helena - Não, titia, eu bem sei que andei ao falto e que mereço a sua reprimenda, mas posso-lhe jurar que o nosso encontro naquele balseão foi puramente casual. Ele estava ali e eu ali, quer por acaso.

Marquessa - E teria sido também por acaso que ele ~~estivesse~~ no teu lugar um segundo neto que a gente está sentindo que foi feito para ti? (Pausa) Vamos responder. Será sido também isto uma mera casualidade? (Pausa) Um arrojado e um petulante é o que ele é.

Helena - Não, titia, ele não teve tanta culpa. Eu fui a maior culpada por isso.

pedi a êle que escrevesse o soneto no seu leque. Foi minha a ideia.

Marquessa - Ah, então foi tua a ideia?!... E ainda tens o despudor de confessá-la? E onde foste buscá-la? Na família eu tenho certeza que não viste nunca semelhante exemplo. Ao contrário. Desde que te recolhi, pequenina, só recebeste exemplos de moral cristã.

Helena - (chorosa) Perdôe-me, titia. Foi uma leviandade de que muito me arrependo. Juro-lhe que nunca mais tornarei a proceder dessa forma.

Marquessa - Prasa aos céos que ninguém te tenha visto, afastada e escondida, em companhia de um plebeu. Que vergonha se alguém te viu! Que vergonha!

Helena - Perdôe, titia, perdôe.

Marquessa - Tenho que te perdoar, sim, porque também a culpa me cabe, em parte. Eu é que nunca deveria ter aberto a porta do meu Solar para gente de casta inferior. (TON) Mas de uma coisa podes estar certa: aí não sabes selar pela honra e dignidade de um nome, do qual muito devias te orgulhar, serei eu a defensora desse nome, porque nas tuas minhas veias, como nas tuas, é o sangue dos San Diego que circula. Ouve, portanto o que te vou dizer agora: por esse sangue eu te juro que nunca mais avistarás Rosalvo de Campos.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Conde - Si a senhora Marquessa de San Diego se dignasse a considerar-me alguns momentos de atenção - agora que estamos sós - eu passaria a tratar de um assunto... parece-me que de grande interesse para ambos.

Marquessa - Podeis falar, senhor Conde de Vila Flora.

Conde - Antes, porém, de entrarmos no assunto, tenho-me-ê necessário, da minha parte, provocar uma confissão da senhora Marquessa e suplicar que essa confissão seja vazada nos termos da maior sinceridade.

Marquessa - (Pequena pausa) Podeis falar, senhor Conde.

Conde - É o seguinte, senhora Marquessa: com a percepção natural que adquiri das coisas da vida, não me foi difícil notar o grande abatimento que se apossou, ultimamente, de vossa sobrinha e a reclusão - espontânea ou imposta, não sei - em que ela tem vivido nestes últimos tempos. Nas meninas da idade dela, essas coisas acontecem, geralmente, por dois motivos, apenas: amores contrariados ou mal correspondidos.

Marquessa - Não há dúvida que a sua observação é muito interessante, senhor Conde de Vila Flora.

Conde - Óra muito bem! Se admitirmos que as razões do abatimento de vossa sobrinha sejam reflexos de um amor mal correspondido, nada deverei nos tentar junto a ela porque além de magoá-la, nada conseguiremos. Mas... si ao contrário, esse abatimento e essa reclusão se que tem vivido foram causados por um amor contrariado, a única maneira de se liquidar definitivamente a questão, cortando o mal pela raiz, seria tratar-se de arranjar-lhe - e o quanto antes - um casamento. Esta solução seria a única capaz de evitar a prática de uma loucura qualquer, como geralmente acontece com as meninas da idade dela.

Marquessa - Efetivamente, senhor Conde, efetivamente. Tendes toda razão.

Conde - Si a alguém cabe o direito de concordar ou fazer oposição aos amores da menina Helena de San Diego, esse alguém sou eu, senhora Marquessa. Unicamente eu.

Marquessa - Efetivamente, senhor Conde. Somente eu tenho autoridade para isto.

Conde - Óra muito bem: se contrariassem os amores da menina Helena é porque motivos de sobre deverão existir.

Marquessa - Efetivamente, senhor Conde, efetivamente.

Conde - A questão é que as meninas apaixonadas não cogitam de saber se as razões existem ou não. Cogitam, isto sim, de realizar, a qualquer custo, o seu sonho de amor. Eis então, senhora Marquessa, a razão por que não basta se fazer oposição; deve-se, ainda - como disse a princípio - tratar de cortar o mal pela raiz, evitando-se, desse modo, que ele cresça., trazendo - sabe Deus! - que horrorosas consequências. E para cortar o mal, já vos indiquei, também, o remédio eficaz. Peço-vos agora, senhora Marquessa, que me digais se não é precisamente esta a situação de vossa sobrinha?

Marquessa - Extremante esta. Sem tirar nem pôr. Ela se apaixonou perdidamente por um mísero plebeu e eu - nem poderia ser de outra forma - opozi-me com todas as minhas forças a que esta união se concretizasse.

Conde - Mas não basta a vossa oposição, senhora Marquessa de San Diego. É necessário cortar o mal pela raiz e é precisamente o remédio para esse mal que eu venho pôr à vossa inteira disposição. Ofereço-vos a mão de meu filho Albano para a vossa sobrinha, senhora Marquessa de San Diego.

Marquessa - Oh, senhor Conde! Nem sei o que dizer, diante da magnanimidade do vosso gesto!

Conde - Bem, mas... devo confessar-vos, com igual lealdade, que meu filho não levará fortuna, visto que a nossa situação financeira pode-se dizer que, no momento, é quasi angustiosa.

Marquessa - Isso pouco importa, senhor Conde de Vila Flora. Helena já é rica e além do mais será, ainda, no futuro, a minha única herdeira. Esse casamento, portanto, virá representar, em resumo, a salvação dos netos de San Diego e de Vila Flora!

OPERADORA - CORTINA MUSICAL

Albano - Óra essa, papai, francamente!... Que coisa mais fúnebre, a sua! Por que ha de teimar em casar-me tão cedo?

Conde - Porque é o destino de todos os homens, meu filho. E depois, Albano, serás obrigado a concordar que te arranquei uma menina encantadora!

Albano - Não tenho nada a dizer quanto a isto, é verdade. É bonita... inteligente... toca muito bem piano... é elegante...

Conde - (insinuando) Rica...

Albano - Isso é o que menos me preocupa, meu pai. Conservando o que tenho estou completamente satisfeito e não desejo mais.

Conde - Mas uma fortuna como a da sobrinha da Marquessa de San Diego não é para se desprezar, meu filho. É uma das maiores, não é? (Pausa) E então? Que resolves?

Albano - Ouça, meu pai: eu não desejava contra-la-lo. O senhor foi sempre tão bom para mim... mas a verdade mesmo é que não sinto nenhum entusiasmo por esse casamento. Acho mesmo prematura a ideia de casar-me agora. Sou muito moço; desejo aproveitar melhor a vida.

- Conde - Mas a questão, meu filho, é que um partido como Helena de San Diego não nos aparece todos os dias. É uma vez na vida... quando aparece.
- Albano - Bem, mas... si ela realmente gostar de mim, pode esperar mais alguns anos.
- Conde - Esqueces que nesses alguns anos muitos outros rapazes hão de procurá-la e propor-lhe casamento e ela... vendo-se desprezada por ti... será bem capaz de aceitar algum deles e deixar-te a ver navios.
- Albano - Pois se assim acontecer, paciência. É porque era o nosso destino. O meu e o dela.
- Conde - Albano, meu filho, curve aqui: que pretendes tú da vida?, afinal?
- Albano - Óra essa, meu pai! Que pergunta mais ingênua, essa sua. O que pode pretender da vida um moço como eu? Simplemente viver.
- Conde - E o que consideras tú que seja viver, meu filho?
- Albano - Divertir-me... montar a cavalo todas as manhãs... fazer os meus exercícios de remo, de esgrima... vestir com apuro... comer bem, regar as comidas com bons vinhos... e procurar, de vez em quando, ambientes alegres onde existam boa música e boas raparigas.
- Conde - E pensas tú que isto poderá valer a tranquilidade de um lar, ao lado de uma mulher rica, carinhosa, bonita e inteligente?
- Albano - Por óra penso que sim, meu pai. Pode ser que mais tarde venha a mudar de ideia, como é possível, também, que perdendo esta oportunidade, venha a arrepender-se, mais tarde; a verdade, porém, é que no momento não desejaria trocar a vida que levo por nenhuma outra, embora ela me apresentasse maiores e melhores perspectivas.
- Conde - E si eu te dissesse que estás arriscado a perder a vida que tens, de um momento para o outro?
- Albano - Como assim? Não entendo...
- Conde - Ouve, meu filho: eu fiz tudo para te ocultar a verdade, mas penso que chegou o momento de te pôr ao correr dos acontecimentos. Foi procurando acautelar os teus interesses, que busquei acertar com a senhora Marquesa de San Diego o teu casamento com a sua sobrinha. Entretanto, uma vez que relutas em aceitar a solução que te apresento, eu me vejo obrigado a te dizer que estamos às portas...
- Albano - (corta) Cale-se, papel, por favor. Não é preciso dizer mais nada. Tenho horror da palavra que o senhor ia pronunciar e o que já disse é suficiente para que eu saiba a situação em que nos encontramos.
- Conde - Insisto em te trazer um pequeno retrato da situação, que é a seguinte: estamos com todos os nossos bens hipotecados e um rico agiota que nos perderá a nossa dívida e nem nos concederá qualquer dilatação de prazo para que a resgatemos.
- Albano - Estamos com tudo hipotecado, diz o senhor? Até mesmo esta propriedade de em que vivemos?
- Conde - Até mesmo esta propriedade em que vivemos.
- Albano - (depois de pausa) Então quer dizer que os meus cavalos... as minhas boas roupas...
- Conde - (segue) ... as boas raparigas e os bons vinhos, tudo terá de se perder se não te resolveses a aceitar a senhora Helena de San Diego. (longa pausa) E então? Que resolves?

Albano - (depois de pausa) Bem... uma vez que a verdadeira situação é esta... que se salve, ao menos, o nome dos Vila Flora. Aceito a menina Helena de San Diego para minha esposa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Helena - A camareira foi me avisar que a senhora desejava falar comigo, titia?

Marquesa - Sim. Senta-te que temos muito que conversar. (Pausa e tom) Preciso te fazer uma comunicação muito importante.

Helena - Estou às suas ordens, titia.

Marquesa - O Conde de Vila Flora me pediu a tua mão em casamento para o seu filho Albano e eu desejo comunicar-te que lhe respondi afirmativamente.

OPERADOR - RAJADA EM FUNDO, SEM CORTAR.

Helena - (susto) Mas... mas titia, eu... eu não amo o senhor Albano... Posso mesmo dizer que... que mal o conheço.

Marquesa - Conheço-o eu, de sobra, e sei que é um excelente rapaz.

Helena - Bem, mas... para que eu... sim, para que eu me sentisse feliz era necessário que... que também eu o conhecesse e simpatizasse com ele.

Marquesa - Eu já esperava essa tua relutância e conheço muito bem os motivos dela.

Helena - Não há motivos, titia. Há um motivo, apenas e esse motivo é perfeitamente humano: eu simplesmente não amo o homem que a senhora me destinou para marido.

Marquesa - Isso não tem nenhuma importância. O amor vem depois, com a convivência.

Helena - Mas... e se não vier? Desgruçar-se-á toda a minha vida. A senhora não pensou que isso também pode acontecer?

Marquesa - Albano é um rapaz que qualquer moça acataria com orgulho. É sobre, bom e inteligente.

Helena - Mas não bastam essas qualidades para que um rapaz desperte amor no coração de uma mulher. São necessárias muitas outras coisas. Afinação, por exemplo, é uma coisa indispensável, no caso. Eu penso...

Marquesa - (corta) Helena, é inútil continuares relutando porque eu já espelhei a minha palavra ao senhor Conde de Vila Flora e não voltarei atrás sob pretexto algum.

Helena - (resoluta, endurecendo) Pois saiba então, titia, que eu não me casarei com esse moço.

OPERADOR - RAJADA MUSICAL EM FUNDO, SEM CORTAR.

Marquesa - (choque tremendo) Como?!... Que dizesse?

Helena - Que não me casarei com Albano. A senhora, porque me errou de pequena, administrou os meus bens e instituiu-me sua herdeira universal, porque tem o direito de poder dispor também do meu coração ao sabor da sua vontade? Está enganada, ouviu? Está muito enganada. No meu coração mando eu. Só a mim e a mais ninguém, sabe o direito de resolver se devo aceitar ou recusar um homem para marido.

Marquesa - Tú tens a audácia de te insurgires contra as minhas determinações? Pois hei de te mostrar que também sei castigar aos que me resistem. Ou aceitarás o casamento que te imponho, ou serás recolhida a um convento para o resto da tua vida. Pensa bem nas soluções que te apresento e resolve antes da noite, quando o senhor Conde de Vila

Flora virá receber de ti a confirmação da palavra que lhe dei.

Helena - Não é necessário esperar o anoitecer, titia, porque a minha resolução de agora não será modificada. Prefiro enterrar a minha mocidade entre as paredes húmidas e frias de um convento, a ter de viver, toda uma vida, ao lado de um homem a quem o meu coração repele.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA INICIO DO 3º ATO.

Conde - A nossa felicidade está pendente da última palavra da menina Helena, senhora Marquesa de San Diego.

Marquesa - Was a última palavra dela, infelizmente, é a mesma de rebeldia e de sôbediência, senhor Conde.

Conde - É pena! É grande pena! (Pausa e tom) Mas quom sabe, senhora Marquesa, si eu me entendesse com ela diretamente e lhe explicasse com franqueza a situação? Será que ela não se apiedaria da sorte que nos espera?

Marquesa - Não creio, senhor Conde de Vila Flora. Conheço muito bem minha sobrinha para me deixar iludir com qualquer esperança. Ela tem nas veias o sangue dos San Diego. É persistente e parrônica como eu. Como todos os San Diego, aliás.

Conde - Meu filho vai ficar verdadeiramente desolado quando souber de tudo isto. Ele a ama tanto e sofre tanto, que dá pena ver-se o seu lastimavel estado!...

OPERADOR - PASSAGEM BEM RÁPIDA.

Albano - (gostosa gargalhada) Óra meu pai, francamente!... Eu não vejo motivo algum para tamanho abatimento. Não pode ser, não pode ser, paciência! Eu aceitara esse casamento como uma solução comercial. A solução ficou... busca-se outra.

Conde - A solução dos nossos negócios, no momento, é o que menos está interessando, porque a senhora Marquesa, bondosamente, concordou em levantar as nossas hipotecas e tornar-se duas vezes credora nossa. Credeira de várias centenas de contos... da nossa gratidão.

Albano - Ah!... mas então senhor já tinha aplicado um golpezinho contra a senhora Marquesa? Ótimo, então! Não vejo mais razão para estar assim tão preocupado.

Conde - É que o gesto da senhora Marquesa, levantando as nossas hipotecas, constitui, apenas, uma transferência de credor e uma dilatação de prazo para pagamento da dívida. O casamento, meu filho, seria a quitação total dessa dívida, sem mais preocupações futuras.

Albano - Pois eu lhe afirmo que a solução atual me satisfaz muito mais. Ou ser sem amor seria uma grande arriscada e sabe quantas vezes, no futuro, eu teria que me arrepender desse gesto?

Conde - Não creio, meu filho. Helena tinha todas as qualidades para ser uma boa esposa.

Albano - E um defeito, também, que ficou bem evidenciado: a teimosia. E se este já seria bastante - quando não existisse um erro profundo de

- parte a parte - para gerar desavenças de resultados imprevisíveis.

Conde - (num suspiro) De qualquer forma eu tenho muita pena, meu filho. Para que negar? Desejei tanto esse casamento...

Albano - Ouça, meu pai, eu tive uma ideia: com a transferência da nossa dívida para a Marquesa de San Diego, obtivemos ~~sucesso~~ uma dilatação de prazo para o pagamento, não foi? Pois bem, já que a mim não foi possível fazer qualquer coisa para nos livrar dessa dívida, porque não procura o senhor nos desembaraçar dela?

Conde - Como assim?

Albano - Aproveite essa dilatação de prazo para conquistar a senhora Marquesa e casar-se com ela.

Conde - Você acha?

Albano - Mas é claro.

Conde - (depois de pausa, refletindo) E será que a minha sorte não ~~está~~ irá ~~seguir~~ segundê-la?

Albano - (rindo-se, gostosamente) Óra, papai, francamente!... O senhor nem para de conhecer tão bem as mulheres! A sorte de um homem - principalmente como o senhor - em qualquer idade que as mulheres se encontrem, é sempre um motivo de satisfação para a vaidade delas. Mesmo que ela o recuse... intimamente ficará satisfeita porque pensará que ainda tem estratagemas para despertar amor. (Pausa e tom) Faça isso, papai. Jogamos a primeira partida e perdemos. Não custa arriscar a segunda usando um trunfo diferente. Pode ser que ele nos traga mais sorte.

Conde - (depois de pausa breve) É isto mesmo, meu filho, tens razão. Assim que os nossos negócios com a senhora Marquesa estiverem concluídos, eu entrarei com o meu jogo para conquistá-la. Se pegar... pega.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Piedade - A nossa ordem, minha filha, concede, a todas as que nela ingressam, o direito de fazer um pedido qualquer, antes de vestirem o hábito que as ha de separar definitivamente do mundo profano. Pede, pois o que desejares.

Helena - Irmã Piedade, eu gostaria de poder guardar comigo um leque de setim azul que se pertenceu a ela e que se encontra em poder de minha tia.

Piedade - E por que razão desejares guardá-lo? Que utilidade poderá ele ter em tua vida de religiosa?

Helena - É que... Irmã Piedade... esse leque... esse leque representa, para mim, o despontar de uma felicidade que prematuramente me foi cortada.

Piedade - Mas minha filha... sendo assim... eu não sei si deva... Esse leque talvez fôsse um elo que continuasse a te prender à vida profana, a qual te deverás desligar totalmente ao penetrar nesta casa. Não queiras fazer qualquer outro pedido?

Helena - Não irmã. Neste caso... nada mais desejo.

Piedade - Bem, minha filha, façamos uma coisa: eu vou conversar com a senhora Marquesa e verei o que é possível fazer.

Helena - Obrigada, irmã Piedade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Marquesa - Extranho - o muito - que a senhora tenha sido capaz de fazer

com um pedido desta natureza, irmã Piedade.

Piedade - Não me cabia o direito de concordar ou discordar, senhora Marquesa, e apenas de transmiti-lo. Foi o que eu fiz. Quem poderá concordar ou não é a senhora, em cujas mãos está o objeto que deu motivo ao pedido de sua sobrinha.

Marquesa - Pois muito bem, irmã Piedade, diga então à minha obstinada sobrinha que não lhe entregarei esse leque. Diga-lhe mais: que hoje mesmo o destruirei.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM MUSICA RELIGIOSA COM ÓRGÃO E CÔRO EM DO.

Piedade - Juras, minha filha, perante o filho de Deus crucificado, honrar sempre esse hábito que acobras de vestir?

Helena - (vos sumida) Sim. Em nome de Deus o juro.

Piedade - Ajoelha-te, então, para que eu te coloque o véu de esposa de Cristo e a coroa de espinhos que é o símbolo do martírio a que os homens o sujeitaram. (Pausa longa) Neste momento, acobras de morrer para o mundo de Helena de San Diego. É mais uma vida que se oferece em holocausto a Jesus, na missão sacrosanta de redimir os pecados da humanidade. Que Deus te inspire e te ampare no árduo caminho que te propões a trilhar. (Pausa e tom) Levanta-te agora, irmã Berenice e transpõe aquela porta que Jesus te espera!

Helena - (meia vos, chorando) Deus de infinita misericórdia, tende piedade de mim!...

OPERADOR - SOBE A MUSICA EM FUNDO E FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

Rosalvo - (velho, narrando) Depois de tudo isto que acabei de te contar, e que, como já te disse, chegou ao meu conhecimento por intermédio do noivo da irmã da Marquesa, sabendo que o último pedido de Helena não havia sido satisfeito, jurei a mim mesmo conseguir, a qualquer custo, aquele leque e mandá-lo ao convento onde ela fora sepultada para a vida. E foi buscando cumprir esse juramento, minha querida Percília, que me tornei um homem inútil para o resto da vida.

Percília - Como, vovôsinho?

Rosalvo - Já te contarei. Antes, entanto, desejo dizer-te o que aconteceu com a causadora da minha desgraça e a de Helena. A Marquesa de San Diego deixou-se prender na trama do Conde de Vila Flora, casando-se com ele. Albano e o próprio Conde em pouco tempo jogaram a fortuna dela que foi terminar os seus dias na maior miséria física e moral, jogada à imundície de um casebre onde ela outrora abrigara uma pobre demente.

Percília - Que horror, meu Deus!

Rosalvo - Foi o justo castigo de Deus pela sua maldade sem limites.

Percília - (TOM) Escute, vovôsinho: o senhor não me disse, uma vez, que ficara paralisado das pernas devido a um tombo de cavalo?

Rosalvo - Disse-te. Mas não era verdade.

Percília - O que aconteceu então, vovô? Conte.

Rosalvo - Por intermedio da camareira eu fiquei sabendo que o leque de Helena fora guardado pela Marquesa, na gaveta da sua secretária, na sua sala particular, ao lado do seu próprio quarto. Com presentes e dinheiro consegui a cumplicidade da camareira e do noivo e tracei um plano para penetrar lá. E foi assim que, na noite combinada...

OPERADOR - PASSAGEM RÁPIDA FUNDE COM TEMPORAL QUE FICA EM 2º PLANO TODA A CENA

Rosalvo - (moço, meia voz) Você ficará aqui sustentando esta escada e se perceber a aproximação do jardineiro ou de qualquer outra pessoa, saia da escada com força que eu descerei ligeiro e nos esconderemos os dois. Cuidado, hein? Fique bem alerta.

OPERADOR - TROVÃO FORTE.

Rosalvo - Bem, pelas indicações que eu tenho, a janela deve ser esta. A terceira, depois da última coluna que sustenta o pórtico à direita. A esta hora a Marquesa já deve ter sido narcotizada pela camareira. É só empurrar a janela e saltar para dentro. Vejamos.

OPERADOR - NOVO TROVÃO.

Rosalvo - Estranho... a janela não cede. A camareira terá se esquecido de torcer o trinco? Os postigos estão abertos, logo a janela deve ser esta mesma. E agora? Que fazer? Penso que o remédio é dar uma pancada seca e quebrar o vidro. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ A Marquesa, narcotizada, não ouvirá coisa alguma. Inda mais com o ruído do vento e dos trovões...

OPERADOR - NOVO TROVÃO;

Rosalvo - ~~XXXXXXXXXXXX~~ Aqui... nesta altura... deve ficar o trinco....

OPERADOR - NOVO TROVÃO.

CONTRA REGRA - BATIDA EM [REDACTED] QUE QUEBRA.

Marquesa - (em 3º plano, gritando, assustada) Quem é?... quem está?...
Ladrão!... Socorro!... Socorro!... Um homem na minha janela! Socorro!...

Rosalvo - (moço, meia voz) Depressa, Estanislau. Beira a escada aí mesmo. Vamos fugir.

OPERADOR - APASTADOS DOIS TIROS DE RIFLE.

Rosalvo - Uii... Fui atingido [REDACTED] costas. Ajude-me, por favor, Estanislau. Leve-me d'aqui!

OPERADOR - LATIDOS DE CACHORRO AO LONGE. TROVÃO FORTE. CORTINA MUSICAL.

Rosalvo - (velho, narrando) E o valoroso Estanislau, o noivo da camareira, conseguiu retirar-me do solar, antes que fôssemos apanhados pelos guardas. A bala me atingira a espinha. Sofrendo dores atrozes e suando os gemidos, mudei-me naquela mesma noite para Soqueiros, onde fui atendido pelo médico que me declarou paralítico para o resto da vida. Daí para diante tu já sabes de toda a história. Ao morrer meu irmão, que era o teu verdadeiro avô, tu que que morava com êle desde que enviuvara, escolheu o meu convite e veio para a minha companhia. Tinhas então cinco anos. Quando tua mãe partiu também, tu a substituíste neste posto de sacrifício e te tornaste a

minha companheira de desterro e a minha enfermeira carinhosa.

Percília - Pobre Vovô! Agora compreendo por que fez tanto empenho em conseguir este leque.

Sosalvo - Já que não me foi possível o entregar a ela, como desejara, quero ao menos conservá-lo comigo.

Percília - (ideia) Escute vovô: e si o entregássemos agora? O senhor acha que ela seria capaz de recusá-lo?

Sosalvo - Não sei, minha filha. Nem sei si ela ainda vive...

Percília - E sabe, ao menos, o convento onde se recolheu?

Sosalvo - Sei. É o convento de Santa Mônica, que está situado a dois kilometros da localidade de Chapada, pracs lados da Colina do Norte.

Percília - Pois então, Vovôsinho, eu vou tentar entregar-lhe este leque, si ela ainda existir.

Sosalvo - Ah, querida! Se isto acontecesse... eu me sentiria feliz e compensado de tudo que sofri.

Percília - Farei uma tentativa neste sentido e si ela não mais existir, ou recusá-lo... o leque voltará comigo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Percília - É a irmã Berenice?

Helena - (velha) Sim. Quem é a senhora? Que deseja de mim?

Percília - Sou portadora de um presente que lhe mandaram.

Helena - Que é isto?

Percília - Veja.

CONTRA REGRA - DESEMBRULHAR PACOTE DELICADO - PAPEL DE SEDA SEU CONTRA REGRA.

Helena - (depois de pausa - voz abafada pela emoção) Como?! Mas... por que veio a senhora trazer-me este leque?

Percília - Porque sei que, ao trazer neste convento, a senhora havia feito à sua superiora o pedido de conservá-lo em sua cela.

Helena - Bem, ... efetivamente, mas... isso foi ha trinta anos passados.

Percília - Sim, e naquela ocasião esse pedido lhe foi negado, não pela superiora mas pela passageira que conservava esse leque em seu poder, e alguém que soube de tudo e que jamais a esqueceu, jurou que um dia este leque haveria de voltar às suas mãos.

Helena - Agradeço muito, mas agora... não devo e nem desejo mais aceitar. Graças à divina misericórdia do meu Jesus, exclusivamente a Ele pertencem hoje os meus pensamentos e eu não quero e não posso atraiçoa-lo. Quero continuar inteiramente fiel ao meu divino esposo, e por isso lhe peço: leve de volta o presente que me trouxe.

Percília - Bem sei que não devo insistir com a senhora, mas... é pena!

Helena - Pena por que? A senhora parece ter ficado tão abatida...

Percília - E fique, realmente, porque meu pobre avôsinho vai sofrer muito com a sua recusa. Vai talvez até mesmo lastimar a inutilidade do seu imenso sacrificio.

Helena - Como assim?! Quem é seu avô?!

Percília - Meu avô é Rosalvo de Campos, o homem que dedicou às suas mãos o soneto que se encontra nesse leque. Quer dizer... ele não é propriamente meu avô; é meu tio-avô. Rosalvo de Campos nunca mais pensou em amar ou casar com outra. Procurando atender ao seu último pedido na vida profana, tentou penetrar sorratamente no Solar da Marquesa de San Diego e foi atingido por um tiro de fusil que o inutilizou para o resto da vida. Vive, até hoje, numa cadeira de rodas. Eu sou a sua enfermeira e tudo que o prende à vida. Vim de tão longe com a esperança de poder dar este grande prazer ao pobre paralítico e afinal volto para lhe causar uma decepção. (Pausa. Suspiro) Paciência! Que se vai fazer?! Dê-me o leque que eu vou levá-lo de volta.

Helena - Não, minha filha, deixe-o comigo. Depois do que me contou... seria uma deshumanidade recusá-lo. Eu o depositarei aos pés da Virgem, como uma oferta preciosa ao meu coração, pois que ele foi, em tempos idos, a revelação de uma felicidade terrena que eu apenas vislumbrei mas não cheguei a experimentar! E o meu querido é Jesus, o muito amado esposo, há de compreender a minha piedosa intenção e por ela, certamente, há de perdoar esta pequenina traição que lhe faço!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Rosalvo - Minha querida netinha! Que alegria tão grande tú me deste! Só lamento os trabalhos e cansaças que te háx causado.

Percília - Óra, vovôsinho! Tudo que fiz foi com tanto prazer que nem se apercebi dos trabalhos que tive.

Rosalvo - Mas eles não foram poucos, eu sei. Inclusive o acesso ao convento que é difícil. Tu não deveria ter manifestado esse desejo. Afinal... já haviam passado tantos anos... era mais justo silenciar do que fazer vir tudo à tona, novamente. E eu que calar, tú sabes? Por duas ou três vezes tentei sufocar, no garganta, a confissão desastrosa que te fiz, mas houve uma força maior do que a minha vontade... e a saudade falou!...

OPERADOR - ENTRA EM B/G COM O NOBURNO DE CHOPIN QUE FOI TOCADO NO PRINCÍPIO, EM SOLO DE PIANO, ATÉ O FINAL.

Helena - (em voz suave, no copo)
Mãos fidalgas, de nobre realza;
deveis ter sido o sonho de beleza
d'Aquela que criou todos os mundos!...

Rosalvo - (suave, também, voz de velho)
Bem valeis o encanto de um poema,
brancas mãos que eu quizersa, n'hora extrema,
sentir fechar meus olhos moribundos!...

OPERADOR - SOBE O PIANO EM FUNDO E FUNDE COM CARACTERÍSTICA CANDIOSA PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.